

QUEIROZ, Vladimir. *Nuances*. Salvador: Edição do autor: 2012. 99 p.



Nuances é o nono livro do poeta Vladimir Queiroz, engenheiro químico, natural de Feira de Santana (Bahia), nascido em 9 de dezembro de 1962. Estreou-se em 1996 com *Seres & Dizeres*, a que se seguiram *Terracota* (2001), *Infantil* (2003), *ABCDito e Outros Ditos Mais: Curiosidades sobre provérbios e expressões populares* (2003), *Apokálupsis do Sertão* (2006), *Luminescência* (2008), *Instinto* (2010), *Alcatruz* (2011). Muitos dos seus poemas integram várias antologias, nomeadamente a “Antologia Pórtico”, onde Goulart Gomes escreveu “A poesia de Vladimir Queiroz é um achado pluralista: afinal, é múltipla, latina, ibérica, gaulesa, romana, teutônica, bretã, negra, mulata e branca”.

A coletânea *Nuances* é composta por 43 poemas. O sentimento amoroso está expresso não só pelo enamoramento, arrebatamento e embriaguez mas também pelo apaziguamento da realização. A vertente da denúncia social contempla o testemunho de situações de injustiça e de exploração. O soneto “Nuances”, eleito como epígrafe anuncia as linhas temáticas, que se interpenetram, cruzando a revelação da paixão:

E o amor do homem é tão vasto / e cheio de íngremes
vertentes / em fluxo contínuo jamais gasto / a desejar
os olhares mais recentes.

E a cada desejo um amor possante... / Que não seja
a moral infensa / nem cúmplice de culpa ignorante; /
espontâneo é o prazer de vontade intensa.

E o homem em experiências sucedidas, / vivencia
pensamentos diversos, antagonísticos / fazendo do amor
nuances sortidas.

São olhares perdidos, lacônicos; / quengas em loucuras
atrevidas / sorrisos de menina, platônicos.

Os poemas “Iris” (p. 21), “Nagô” (p. 27), “Joana” (p. 77), “Iara” (p. 87), sobre quatro figuras femininas, cada uma com a sua singularidade, corporizam os versos da epígrafe “fazendo do amor nuances sortidas” ou “experiências sucedidas”.

A temática do olhar, no soneto “Nuances”, anunciada nos versos “a desejar os olhares mais recentes”, “São olhares perdidos, lacônicos”, encontra-se desenvolvida em “Olhar” (p. 13): “Quão misterioso é o olhar [...] que traduz a inexplicável [...] inexorável / complexidade

do amor; [...] que se infinitiza. [...] num lampejo de retinas...”. É toda uma teoria sobre o jogo de sedução traduzido pelo olhar, provocando o desejo. O olhar que se simula, se oculta, se descobre e encobre nesse jogo de atracção até ao âmago da alma.

O verso “a cada desejo um amor possante” da epígrafe remete para o delírio da paixão, a pujança do desejo amoroso percepção-se com grande intensidade em “Averso” (p. 33) através das anáforas “eu quero” e “descubram mais” e o recurso a uma linguagem quase cruel: “vísceras animais”, “lobos colossais”, “manha descabela”, o final do poema, através das reticências caminha rumo à infinitude dessa vertigem. Igualmente no soneto “Espúria” (p. 25) a percepção do desejo está expressa numa linguagem de delírio e fúria na imagem do coração metaforizado em “potro felino indomado” navegando nas “ondas do mar bravio” de “crina solta na vaga” desejando “tormenta e fúria”. A força da imagem “Potro felino de garras indomado”, misto de antítese, redundância, hipálage, reforça o arrebatamento e o êxtase.

O delírio de uma paixão sôfrega, ardente, está representado com o recurso à semântica do fogo em diversos poemas. “Noturno” (p. 31): “As minhas mãos [...] / Entram em erupção sobre teus cabelos negros, / Os meus lábios voltam quentes, repletos de amor”. Em “Almas” (p. 17) Em “Pássaro Alado” (p. 55): “Pássaro alado ruminando fogo pelas ventas, [...] Senti o vento das tuas ventas, [...] / calor a emanar do teu sopro rubro...”.

À simbologia do fogo, que tudo consome, está associada a embriaguez: fogo e vinho, ambos dominando até à inconsciência de si, produzindo o mesmo efeito de perda do tino, pelo inebriamento da paixão. “Drink” (p. 23) revela todo um encantamento a caminho da perda do raciocínio:

Quando no cálice do coração jorrar / o amor, o remédio
é bebê-lo / (todo), sentir na veias correr / o desejo,
deixando-se embriagar. / Pelo álcool do prazer tomado,
/ ainda que procure falar a razão, / só queira mesmo
é outro coração / para a bebida do cálice derramado.
Nesta mistura embevecida, amores, em coquetel
fluindo. / Ébrios brindando: taças a trincar. / Horas,
noites, ressaca esquecida. / No último gole adormecer
sentindo / a torpe embriaguez do amar.

Em “Burburinho” (p. 15), a oposição ao fogo e vinho, cede lugar à água, o elemento primordial feminino por excelência, a “rêverie” estimulada pela água do mar no seu vaivém, o som das ondas espraiando-se na areia comunica uma sensação de paz, sossego, calma.

Os poemas “Ávido” (p. 39) e “Rocha” (p. 41), que se complementam, traduzem o êxtase da posse e recorrem a um léxico prazenteiro e voluptuoso, opondo-se à fogsidade e tumulto, a seu modo, estabelecem a transição para uma nova faceta do amar. “Calmaria” (p. 29), comunicando quietude, bonança, reforça a ideia “só sei contigo ser cúmplice do amor” e consagra a união de almas e corpos: “somos dois, somos unos”. O poema “Sossego” (p. 95), anunciando o final da colectânea, transporta consigo a serenidade que nasce da reflexão sobre o passado: “remexo as lembranças, / refaço os sonhos passo a passo. O poema “Reluz” (p. 97), baseado num jogo de metáforas, encerra a colectânea:

Tenho a mesa posta: / sobre a mesa a recordação de nós dois, [...] / passa um filme rebobinado de nós dois, entrecortado: / faixas negras nos censuram, quadro a quadro desfeito / de um jeito, do seu jeito, do meu, ao léu... [...] / percebo-me radiante como se transbordasse em luz / iluminasse as trevas: / Caminho sem medo pela noite [...] / corre mais rápida a fita, não se ouve mais o som, / não se vê mais o rastro de sombra sob a luz, / só a penumbra no quarto de nós dois.

O poeta comprometido, “engagé” na sua vertente de crítica social, manifesta-se em vários poemas. “Luzes” (p. 85), reflectindo a inquietação provocada pela cruel exploração dos trabalhadores, alude ao estado de esgotamento que os leva a atordoar-se, comparando-os com as “cortadeiras”, formigas trabalhadoras incansáveis: “Tal qual exército de cortadeiras / esquecem pelos caminhos as folhas e atordoam-se, / esquecem pelos caminhos os rumos e amontoam-se”. Por sua vez, “Menino” (p. 95) acusa a exploração das crianças, a chaga social que é o trabalho infantil, uma constante em sociedades mais carentes economicamente. Vladimir Queiroz, com um toque de magia poética, leva este menino a sonhar, para escapar à brutalidade do trabalho imposto, e assim, metaforicamente, “descarrila a locomotiva”.

Com o poema “Canibal” (p. 69-71) é alcançado o clímax da denúncia, pela intensidade e vigor da linguagem,

dura, crua, directa, sem rodeios. A universalidade temática recorda a “Guerra” do Padre António Vieira e “Os vampiros” de Zeca Afonso. A descrição minuciosa do comportamento sádico e sistemático do canibal potencializa a mensagem: chegou cedo, tomou o café, sentou-se a apreciar “os seus iguais” e “maquinou a morte”, deixando para trás um rasto de sangue e morte, mas o poeta recomenda “Temos que enrijecer os músculos e quebrar / os dentes dos canibais antes que seja tarde” ...

O canibal dobrou a esquina hoje cedo / subiu as escadas depressa / tomou café [...] E foi apreciando os outros seus iguais / no passeio, / no asfalto, / nas passarelas. / Comeu [...] / um coração cheio de amor e ternura. / [...] comeu os ideais [...] os sonhos. / [...] Maquinou a morte [...]. Temos que enrijecer os músculos e quebrar / os dentes dos canibais antes que seja tarde. / Comeu as florestas, os mares, os desertos / o brilho dos olhos, a maciez da pele, [...] / A mão que afaga, o abraço que sufoca, o ósculo na face. / comeu [...] / Tudo de uma só vez, / Engolindo seco / sem remorso / Comeu o pão que o diabo amassou, / a carne, as vísceras, o fígado todos os dias... / e PROMETEU vida eterna, dor eterna.

Entrevistado por José Inácio Vieira de Melo para a revista “Cronópios”, Vladimir Queiroz afirmou que o seu “processo de criação ocorre de forma natural, numa inspiração que vasculha o material memorialístico, amoldando-o à forma que melhor se adequa ao momento de criação”.¹ Labor imaginativo que permite aos leitores captar o seu realismo expressivo, do burilar da palavra aos jogos de sentido, moldando os significados, as formas, os sons, para construir a metáfora, a antítese, a rima, a aliteração, a sinestesia, entre outros processos retóricos. Em qualquer dos poemas a sintonia significado/significante, conseguida através desse “vasculhar” criativo de que nos fala o sujeito poético, possibilita a captação natural e cabal da mensagem, a partilha e a fruição de poemas únicos, transmissores de sentimentos e interrogações universais.

ROSA ADANJO CORREIA
CLEPUL

Recebido: 10 de setembro de 2013
Aprovado: 30 de outubro de 2013
Contato: rosadanjo@gmail.com

¹ In: <<http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=1232>>.